

CARTA DO LEITOR - UM GÊNERO TEXTUAL

Sara Regina Scotta Cabral¹

A carta do leitor é um gênero utilizado por autores/escritores para manifestar à editoria do jornal e aos leitores comuns os diversos modos de representar a experiência, fazendo uso do espaço para esclarecer, reafirmar, criticar, retificar, parabenizar, elogiar etc. Analisando-se a estrutura textual e a transitividade de uma carta publicada em 14 de agosto de 2000, na seção Painel do Leitor, na Folha de São Paulo, procurou-se verificar a configuração contextual da carta e as estruturas textuais com base em Hoey (1983), Martin (1989), Winter (1994) e Vasconcellos (1997), passando-se a examinar a transitividade da camada lingüística, com base em Halliday (1994) e Martin, Mathiessen e Painter (1997). Os resultados apontam para a utilização de uma estrutura mista, que une elementos de Situação-Avaliação com elementos de Hipotético-Real e, quanto à transitividade, prevalecem os processos relacionais atributivos, os materiais e os verbais, freqüentes nos elementos Real, Base/Razão e Hipotético.

* Doutoranda em Estudos Lingüísticos pela Universidade Federal de Santa Maria (RS).

Introdução

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, já em 1998, apontavam para a necessidade de serem trabalhados os mais diversos gêneros como objeto de ensino, tanto na leitura quanto na produção de textos. Motivadas pelos referenciais nacionais, as pesquisas lingüísticas deram grande impulso a esse tema e bastante atenção se tem dado à produção jornalística, uma vez que a imprensa escrita faz uso de uma multiplicidade de gêneros textuais.

O objetivo deste artigo é fazer a análise de uma carta do leitor, publicada no Jornal *Folha de São Paulo*, em 14/08/2000, e tentar responder a duas questões: 1) Qual é a estrutura textual básica utilizada pelo missivista ao construir tal carta?; 2) Como se apresenta a transitividade, ou seja, quais são os processos, os participantes e as circunstâncias escolhidos pelo autor na composição de seu texto?

O conceito de linguagem que norteia este trabalho é o de Halliday (1985, p. 3), que a considera sob uma perspectiva sociosemiótica. Além disso, são suportes teóricos os conceitos de gênero de Swales (1990), texto e contexto de Halliday e Hasan (1985), estrutura textual básica (Hoey, 1983; Winter, 1994, e Vasconcellos, 1997) e, especialmente, os aspectos gramaticais da teoria sistêmico-funcional de Halliday (1994) relacionados à função ideacional.

A produção de textos é uma atividade consciente (Bentes, 2001, p. 254), intencional, através da qual o falante/escritor/autor dá a entender seus propósitos. O falante/escritor/autor tem papel ativo “na mobilização de certos tipos de conhecimentos, de elementos lingüísticos, de fatores pragmáticos e interacionais, ao produzir um texto”. As escolhas que o sujeito faz indicam visões de mundo e modos de construir a realidade.

Fundamentação Teórica

Segundo Halliday (1994, p.v), o homem constrói a realidade através de processos semióticos diversos, dos quais o principal é a linguagem. Essa visão construtiva da realidade “assume que o uso da linguagem não somente espelha a estrutura social, mas também a constrói e a mantém: assim, sempre que alguém se “apropria” da linguagem ao dirigir-se a um outro socialmente superior, ambos os participantes estão mostrando a condição de seu status e simultaneamente reforçando o sistema social hierárquico” (Thompson & Collins, 2001, p. 137).

Halliday (1985, p. 5) considera texto como “uma instância da linguagem que está exercendo algum papel em um contexto de situação”. Hasan (1985, p. 55-59), por sua vez, introduz o conceito de *configuração contextual*

relacionado aos termos hallidayanos *campo, relação e modo* de um discurso, que se referem a certos aspectos da situação social que se refletem na linguagem em uso, o que dá origem às três metafunções da linguagem: ideacional, interpessoal e textual. As três metafunções originam os três modos de analisar um texto: interpessoal, que trata o texto como se fosse um diálogo e envolve os modos de interação entre os participantes; textual, que analisa a organização da informação, distribuída em Tema e Rema; ideacional, que envolve os processos, os participantes e as circunstâncias.

Para a análise de textos escritos, Martin, Mathiessen & Painter (1997, p. 4) consideram um bom ponto de partida a divisão em sentenças, que podem ser constituídas de mais de uma cláusula, esta última a unidade mais importante de análise, segundo Halliday. Cláusula, em gramática tradicional, corresponde, segundo Decat (2001, p. 103), à oração, ou seja, “qualquer estrutura provida de verbo”.

Gênero, na concepção de Swales (1990, p. 58), compreende “uma classe de eventos comunicativos e envolve membros que têm os mesmos propósitos comunicativos. Esses propósitos são reconhecidos pelos pares dessa comunidade e constituem a racionalidade do gênero”, a qual dá forma à estrutura esquemática do discurso e influencia as escolhas do conteúdo e do estilo. Assim, gêneros textuais são tipos específicos de textos de qualquer natureza, tanto na forma oral como na forma escrita. As características funcionais e organizacionais, aliadas às variáveis do contexto de produção, permitem o reconhecimento do gênero.

O gênero carta do leitor registra o posicionamento de pessoas da comunidade e das diversas instituições acerca de assuntos do momento. Geralmente é um texto pequeno e se localiza nas páginas iniciais dos informativos (página 2 ou página 3), utilizado para protestar, esclarecer, parabenizar, retificar, retratar-se, concordar, responder, replicar, treplicar.

Para Martin (1989, p. 13), as cartas ao editor (ou cartas do leitor) são textos expositivos/exortativos que diferem de simples explanações e que “têm muito mais em comum com sermões e discursos políticos que outros tipos de cartas” (idem, p. 17). Afirma Vasconcellos (1997, p. 86) que “as cartas do leitor, comuns em jornais e revistas, são textos tipicamente organizados de forma a mostrar um conflito entre duas visões, uma delas a do autor da carta”. Segundo a autora, apresentam uma estrutura textual típica que é sinalizada através de elementos lingüísticos, o que aumenta a eficiência do leitor ao processar as relações contidas no texto.

Hoey (1983) e Winter (1994) observam que as estruturas textuais básicas organizam-se a partir de dois modelos principais: a) uma situação seguida de uma avaliação e b) uma generalização seguida de uma particularização, o que confirma quatro subtipos de estruturas textuais: o modelo Situação–Avaliação, o modelo Hipotético–Real, o modelo Geral–Particular,

e as Estruturas Múltiplas (uma mistura de Situação–Avaliação com Hipotético–Real).

O modelo Situação–Avaliação caracteriza-se por apresentar uma situação que pertence ao mundo real, ou seja, é sobre “o que se fala”. A avaliação diz respeito ao “que se acha sobre o que se fala”. Algumas vezes faz parte da estrutura o elemento Base/Razão, que se ocupa em apresentar fatos ou motivos pelos quais se pensa estar certo.

Outra estrutura proposta por Winter (1994) é o modelo Hipotético-Real, também descrita por Vasconcellos (1997, p. 82-93). É uma estrutura binária que joga com uma situação não-conhecida ou controversa. O Hipotético é sinalizado linguisticamente ao expor a visão de outrem sobre algo (X diz que Z) e o Real é representado pelo ponto de vista do autor.

O modelo Generalização–Exemplo é um tipo de estrutura mais simples conhecida como Geral-Particular. Organiza-se sob a forma de uma afirmação superordenada, seguida de exemplos, os quais estão ligados entre si por uma relação de compatibilidade ou incompatibilidade.

Recortando-se dentre as três metafunções da linguagem a função ideacional ou experiencial, responsável pela representação do mundo através da linguagem, observa-se que o falante organiza, no evento comunicativo, a maneira que melhor expressa os sentidos que pretende dar ao que está falando/escrevendo. Para tal, faz uso de categorias como transitividade e relações lógicas.

Transitividade, para Halliday (1994), é o sistema gramatical de que o falante/escritor lança mão para construir a experiência humana nos eventos comunicativos. A transitividade constrói o fluxo da experiência em sentidos e em palavras e é representada na configuração de processos que envolvam participantes e, eventualmente, circunstâncias.

Os participantes do processo são as entidades envolvidas – pessoas ou coisas, seres animados ou inanimados. Exercem papéis como o de Ator, Beneficiário, Portador, Experienciador, Existente e outros. As circunstâncias referem-se às noções de tempo, modo, causa, lugar e outros. Os processos podem ser divididos em três grandes grupos: material, mental e relacional, além de três outros intermediários: verbal, comportamental e existencial (Halliday, 1994).

Metodologia

Para que este trabalho chegue a resultados objetivos, o texto ‘Dúvidas’ (Folha de São Paulo, 14/08/2000) é analisado na forma como se apresenta aos leitores comuns, sem se levar em conta as mudanças ocorridas no trajeto percorrido até o momento da impressão.

O procedimento para o exame do texto perfaz duas etapas, sendo que a segunda, especialmente, tenta responder às duas questões formuladas na Introdução deste artigo. Na primeira etapa, é delineada, de modo mais geral, a configuração contextual da carta selecionada; na segunda, a carta é analisada individualmente, tendo em vista a demarcação, no texto, dos elementos da estrutura textual básica e a determinação do papel da sentença nessa estrutura, bem como a explicitação dos participantes, dos processos e das circunstâncias que constituem a representação de mundo dos autores.

Para que se possa decompor a estrutura textual, faz-se necessário tomar como unidade de análise a sentença ou o grupo de sentenças que constitui o elemento (Situação, Real, Geral e outros). Cada sentença recebe, então, um algarismo arábico (1, 2, 3...) que fica isolado dentro dos textos com o uso do sinal de parênteses. O algarismo indica o número da sentença na seqüência do texto. Cada elemento da estrutura, no decorrer da análise, está identificado com um algarismo romano (I,II,III, etc.), conforme a ordem de ocorrência no texto. A fim de facilitar a leitura, cada elemento está transcrito em fonte pré-determinada, cada uma correspondendo a um tipo de elemento. A convenção adotada é a que segue:

- Arial Black: Situação;
- Impact: Problema;
- Formal Script: Solução;
- Broadway BT: Avaliação;
- Comic Sans MS: Hipotético (visão de outrem);
- Liberty: Real (visão do autor);
- Monotype corsiva:: Base/Razão.

Análise e Resultados

Dúvidas

(1) “Excelente, como sempre, a crônica de Carlos Heitor Cony (**Folha**, 6/8). (2) Recorre ao humor para dizer que o depoimento de Eduardo Jorge Caldas, no Senado, foi uma lição de patriotismo. (3) Não só dele, digo eu, mas também de FHC. (4) Claro. (5) Porque o presidente da República afirmou logo no começo de tudo que o episódio era uma questão pessoal do ex-secretário do Palácio do Planalto. (6) Se era uma questão pessoal, por que o governo comemora o desempenho do sombrio personagem e, ainda por cima, esforça-se para que nenhuma CPI seja instalada no Congresso?”

Pedro do Couto (*Rio de Janeiro, RJ*)

FSP, 14/08/2000

Avaliação Situação **Base/Razão** Hipotético Real

Configuração contextual

O texto tem como campo o comentário que o autor faz acerca de uma crônica do articulista Carlos Heitor Cony, publicada na *Folha* no dia 6 de agosto de 2000, e uma crítica a declarações feitas pelo depoente Eduardo Jorge Caldas à Comissão Parlamentar de Inquérito no Senado Federal. Os participantes são Pedro do Couto, leitor do Rio de Janeiro, o editor, que recebeu e publicou a carta, e os leitores comuns da Folha de São Paulo. A distância social entre missivista, editor e leitores é máxima, pois a missiva é endereçada à editoria e, por extensão, a todos aqueles que lêem o jornal. Quanto ao modo, a linguagem exerce no texto um papel constitutivo, já que o mesmo é escrito, sob a forma de carta ou de e-mail, para ser lido. O texto apresenta quatro sentenças declarativas e uma interrogativa.

Estrutura textual e transitividade

O autor da carta “Dúvidas” constrói o texto utilizando uma estrutura mista, em que reúne elementos de Situação-Avaliação com elementos de Hipotético-Real. O papel da sentença na composição da estrutura textual básica e a transitividade assim se configuram:

[Elementos I e II] (1) “Excelente, como sempre, a crônica de Carlos Heitor Cony (*Folha*, 6/8).

Papel da sentença. A sentença 1 reúne dois elementos de uma mesma estrutura: a Avaliação (I) e a Situação (II). A Avaliação é sinalizada, no começo do texto, pelo uso do qualificador ‘excelente’, com o qual o missivista dá a conhecer sua opinião sobre a crônica de Carlos Heitor Cony. A Situação, que é fato verdadeiro e comprovável (‘Folha, 6/8’), constitui a segunda parte da primeira sentença.

Transitividade. Embora a forma verbal esteja elíptica na sentença 1, é possível perceber um processo relacional atributivo (‘é’) em que o missivista dá ao Portador (‘a crônica de Carlos Heitor Cony’) um Atributo (‘excelente’). Circunstâncias de lugar e tempo (‘Folha’ e ‘6/8’) fornecem os dados para que a Situação (a publicação da crônica) seja comprovada através de prova concreta.

[Elementos III e IV] (2) Recorre ao humor para dizer que o depoimento de Eduardo Jorge Caldas, no Senado, foi uma lição de patriotismo.

Papel da sentença. Na sentença 2, o missivista apresenta a Razão (III) do julgamento anterior (‘excelente’), ao registrar ‘Recorre ao humor’. Na mesma sentença, lança o elemento Hipotético (IV), quando apresenta a opinião do colunista da Folha de São Paulo (‘foi uma lição de patriotismo’).

Transitividade. A Razão (III) é apresentada através de um processo material ('recorre'). Para apresentar o elemento Hipotético (IV), o escritor faz uso de um processo verbal ('dizer'), em que o Falante é 'Carlos Heitor Cony' e o Falado é introduzido através de uma cláusula hipotática ('que o depoimento de Eduardo Jorge Caldas, no Senado, foi uma lição de patriotismo'). Na cláusula hipotática, o autor usa o processo atributivo 'foi', em que 'o depoimento de Eduardo Jorge Caldas' é o Portador e 'uma lição de patriotismo' é o Atributo. 'Depoimento' é nominalização de um processo verbal. A circunstância de lugar 'no Senado' está presente no Hipotético (IV).

[Elemento V] (3) Não só dele, digo eu, mas também de FHC. (4) Claro.

Papel da sentença. Através da negativa 'não só dele', o leitor introduz o elemento Real (V), em que, além de confirmar parcialmente a opinião de Carlos Heitor Cony, reforça-a com mais um dado ('mas também de FHC'). A sentença 4 ('Claro') é um recurso interpessoal cuja finalidade é interagir com os leitores comuns da carta.

Transitividade. Na sentença 3, há dois processos relacionais atributivos que estão implícitos – 'Não [é] só dele, mas [é] também de FHC' –, que se caracterizam por indicar posse (Halliday, 1994, p. 132-138). Os Possuidores são, respectivamente, Eduardo Jorge Caldas e Fernando Henrique Cardoso. A Coisa Possuída é, nos dois casos, 'a lição de patriotismo'.

Na cláusula 'digo eu', há a presença de um processo verbal ('digo') em que 'eu' é o Falante e 'não só dele, (...) mas também de FHC' é o Falado. Apesar de o Falado não estar demarcado na língua portuguesa escrita pelo sinal de aspas ("), constitui discurso citado (na terminologia de Halliday, 1994, p. 250, *quoting*), em relação lógico-semântica de parataxe com 'digo eu'.

[Elementos VI e VII] (5) Porque o presidente da República afirmou logo no começo de tudo que o episódio era uma questão pessoal do ex-secretário do Palácio do Planalto.

Papel da sentença. A quinta sentença do texto, através do articulador causal 'porque' introduz a Base (VI) para a justificativa do elemento Real (V). Além da Base, o autor introduz um novo elemento Hipotético (VII): a afirmativa do presidente da República de que 'era uma questão pessoal do ex-secretário do Palácio do Planalto', marcada pela forma verbal 'afirmou'.

Transitividade. O elemento VI é construído com dois processos distintos. O primeiro ('afirmou') é um processo verbal, em que o Falante é 'o presidente da República' e o Falado é 'que o episódio era uma questão pessoal do presidente da República'. O Falado é organizado em hipotaxe, sob a forma de discurso relatado (*reporting* para Halliday, 1994, p. 252, 254).

O elemento Hipotético (VII), por sua vez, é o próprio elemento Falado e traz um processo relacional atributivo em que o Portador é ‘o episódio’ e o Atributo é ‘uma questão pessoal’.

Em ‘do ex-secretário do Palácio do Planalto’ subjaz um outro processo relacional atributivo, desta vez indicando posse. O Possuidor é ‘o ex-secretário do Palácio do Planalto’ e a Coisa Possuída, ‘uma questão pessoal’.

Com a circunstância ‘logo no começo de tudo’, o autor localiza aos leitores a temporalidade da afirmativa de Fernando Henrique Cardoso.

[Elemento VIII] (6) Se era uma questão pessoal, por que o governo comemora o desempenho do sombrio personagem e, ainda por cima, esforça-se para que nenhuma CPI seja instalada no Congresso?”

Papel da sentença. Entre as sentenças 5 e 6, o missivista deixa subentendido o elemento Real (‘Eu digo que não era uma questão pessoal’). A sexta sentença é a Base (VIII) para o elemento Real implícito e para a negação do Hipotético (VII) da sentença 5. Esse sentido é construído através do articulador de condicionalidade ‘se’ e do interrogativo ‘por que’, levando os leitores comuns a fazer o raciocínio ‘Se V é T, então por que X faz Z?’

Transitividade. A Base (VIII) é constituída de quatro processos. O primeiro (‘era’) é um processo relacional atributivo em que o Portador está elíptico e ‘uma questão pessoal’ é o Atributo. O segundo (‘comemora’) faz parte da cláusula interrogativa e é um processo material, em que ‘o governo’ é o Ator e ‘o desempenho do sombrio personagem’ é o Âmbito da ação. O terceiro processo, introduzido pela conjunção de adição ‘e’ e reforçado pelo intensificador ‘ainda por cima’, é comportamental (‘esforça-se’), em que aquele que se Comporta é ‘o governo’. ‘Seja instalada’ é o quarto processo – material – em que a Meta é ‘nenhuma CPI’. É marcado pela voz passiva e corresponde, na voz ativa, a ‘instale’. Conforme Halliday (1994, p. 168-169), esta é uma cláusula sem agência explícita, em que o possível Agente não é dado a conhecer.

Fairclough (2001, p. 105) refere-se à omissão do Agente como resultado de uma estratégia “talvez para deixar vaga a agência e, conseqüentemente, a responsabilidade”. A Base (VIII) também comporta uma circunstância locativa: ‘no Congresso’.

Conclusão

Na primeira etapa de investigação, pôde-se obter conclusões quanto às três variáveis do contexto. O (i) campo apontou para um tema que envolveu acontecimento do cenário político do país: o caso Eduardo Jorge Caldas Pereira. Na variável (ii) relação, um autor expôs, através de seu texto, sua

opinião e seu questionamento a um editor que, após, publicou a carta na imprensa escrita para que assinantes e leitores comuns, distribuídos assimetricamente, lessem os textos. O grau de compartilhamento entre autor e interlocutor esteve, potencialmente, perto do mínimo. Sabe-se também que, para que a carta fosse publicada, houve controle por parte da editoria do jornal.

O (iii) modo como a carta se apresentou, ou seja, a terceira variável do contexto, fez com que a linguagem fosse utilizada com o objetivo de protestar e criticar, enfim, de manifestar o pensamento do autor. A linguagem exerceu um papel constitutivo na amostra, pois foi imprescindível a sua utilização para que a carta se efetivasse. O canal foi gráfico, uma vez que o texto foi enviado de forma escrita ao jornal, ou em carta comum ou via internet.

Em resposta ao primeiro questionamento, pode-se afirmar que houve ocorrência de Estrutura Mista, mesclando Hipotético-Real com Situação-Avaliação. A estrutura Geral-Particular não foi utilizada.

O missivista fez uso dos elementos Situação, Avaliação, Base/Razão, Hipotético e Real, já que pretendia, através da avaliação do ato de outrem, explicitar a sua indignação quanto ao fato que acontecia no cenário político brasileiro da época. Por outro lado, enfatizou os elementos Hipotético e Base/Razão, na tentativa de justificar o seu dizer com o dizer de outrem.

Para responder à segunda questão, a análise da transitividade utilizada na construção das cartas (Quadro 1) revelou que:

a) os processos utilizados pelo missivista, em ordem decrescente de frequência, foram os (i) relacionais atributivos, com 6 ocorrências, os (ii) materiais e os verbais, com 3 ocorrências de cada e o (iii) comportamental, com um processo apenas.

b) os participantes encontrados foram: (i) Portador e Atributo, com 4 ocorrências, (ii) Falante e Falado, com 3 ocorrências, (iii) Ator, Meta, Possuidor e Coisa Possuída, com 2 ocorrências de cada um e (iv) Âmbito e Aquele que se Comporta, com 1 ocorrência somente.

Para o Portador, o autor selecionou itens lexicais referentes a atos de fala ou a acontecimentos; para o Atributo, itens ou sintagmas de caráter avaliativo. Os Atores foram seres animados (claros ou apagados por apassivação) e a Meta, itens como 'humor' e 'nenhuma CPI'. Já o Falante foi representado como seres animados; o Falado, como locuções de discurso citado ou discurso relatado). O participante Aquele que se Comporta foi representado por uma instituição ('o governo').

Quadro 1 – Resultados obtidos

Elem.	Processos	Participantes	Circunstâncias
Situação/ Avaliação	'é' – Rel. Atr.	'a crônica' – Portador 'excelente' – Atributo	'Folha' – lugar '6/8' – tempo
Razão	'recorre' – Mat.	'Carlos H. Cony' – Ator 'ao humor' – Meta	
Hipotético	'dizer' – Verbal 'foi' – Rel. Atr.	'Carlos H. Cony' – Falante 'que o depoimento...' – Falado 'depoimento' – Portador 'lição de patriotismo' – Atributo	'no Senado' – lugar
Real	'é' – Rel. Atr. 'é' – Rel. Atr. 'digo' – Verbal	'Eduardo Jorge' – Possuidor 'lição de patriotismo' – C. Possuída 'FHC' – Possuidor 'lição de patriotismo' – C. Possuída 'eu' – Falante 'Não só ... de FHC.' – Falado	
Base	'afirmou' – Verbal	'o presidente da República' – Falante 'que o episódio ... Planalto' – Falado	'logo no começo de tudo' – tempo
Hipotético	'era' – Rel. Atr.	'o episódio' – Portador 'uma questão pessoal' – Atributo	
Base	'era' – Rel. Atr. 'comemora' – Mat. 'esforça-se' – Comp. 'seja instalada' – Mat.	(essa) – Portador 'uma questão pessoal' – Atributo 'o governo' – Ator 'o desempenho' – Âmbito 'o governo' – Aquele que se Comporta (alguém) – Ator 'nenhuma CPI' – Meta	'no Congresso' – lugar

c) As circunstâncias encontradas foram em número de 5: 3 circunstâncias locativas e 2 temporais, necessárias para localizar o leitor temporal e geograficamente.

Algumas considerações finais são necessárias. Observa-se, na carta analisada, que o missivista escolheu, para compor seu texto, uma estrutura mista, o que é muito comum em cartas de leitores de jornais brasileiros. Entretanto, é válido afirmar que, para o elemento Real, o autor selecionou processos atributivos e verbais, o que significa caracterizar situações ou mesmo provar fatos através da fala de outrem. Já para a Base/Razão, escolheu processos materiais, verbais e atributivo (apenas um comportamental), dando a entender que, para fundamentar suas asserções, necessita das falas e das ações de terceiros, ou da caracterização que esses outros fazem da situação. Para o elemento Hipotético, selecionou os processos atributivo e verbal, e para a Avaliação, novamente o Atributivo.

Pelo exposto, percebe-se que o estudo da gramática sistêmico-funcional de Halliday, aliada a outras estratégias de análise de gêneros, pode ser eficaz nas atividades de ensino-aprendizagem, já que parte de uma perspectiva semiótica do texto, considerando-o tanto processo quanto produto. Ensinar o estudante a 'ver' como o autor percebe o mundo é uma forma de desenvolver a criticidade nas aulas de língua portuguesa. O aluno, ao compreender o pensar do outro, passará a compará-lo com o seu pensar, com seu sistema de valores e de crenças, reconhecendo-se que esses valores e crenças manifestam-se ordinariamente nas práticas discursivas de uma comunidade.

Referências Bibliográficas

- BENTES, A. *Linguística textual*. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (org.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- BRASIL/SEF/MEC. *Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Portuguesa – 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental*, vol. 2. Brasília: DF: SEF/MEC, 1998.
- DECAT, M. B. N. A articulação hipotática adverbial no português em uso. In: DECAT, M. B. N. et alii. *Aspectos da gramática do português: uma abordagem funcionalista*. Campinas: Mercado das Letras, 2001.
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. 21. ed. London: Edward Arnold, 1994.

____. Context of situation. In: HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, H. *Language, context and text: aspects of a language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University, 1985.

HASAN, R. The structure of a text. In: HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, H. *Language, context and text: aspects of a language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University, 1985.

HOEY, M. *On the surface of discourse*. London: George Allen & Unwin, 1983.

MARTIN, J. R. *Factual writing: exploring and challenging social reality*. Oxford: Oxford University, 1989.

MARTIN, J. R.; MATHIESSEN, C. M. I.M.; PAINTER, C. *Working with functional grammar*. London: Edward Arnold, 1997.

Painel do leitor. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 14 ago. 2000, p. A3.

SWALES, J. M. *Genre analysis: English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

VASCONCELLOS, M. L. Estrutura textual básica: hipotético-real. In: MEURER & MOTTA-ROTH. *Parâmetros de textualização*. Santa Maria: UFSM, 1997.

THOMPSON, G. & COLLINS, H. Interview with M. A. K. Halliday, Cardiff, July, 1998. *Delta*. São Paulo: EDUC, vol. 17, nº 1, p. 131-153, 2001.

WINTER, E. Clause relations as information structure: two basic text structures in English. In: COULTHARD, M. *Advances in written text analysis*. London and New York: Routledge, 1994.